

UMA MESTRA DA PALAVRA: ÉTICA, MEMÓRIA, POÉTICA E COM-PAIXÃO OU (COM)PAIXÃO NA OBRA DE CÉLIA LINHARES

GUEDES, Adrienne Ogeda – UFF

CHAVES, Iduína Mont^o Alverne Braun – UFF

GT-08: Formação de Professores

Agência Financiadora: CAPES

As palavras são como peixes abissais que só nos mostram um brilho de escamas em meio às águas pretas. Se elas se soltarem do anzol, o mais provável é que você não consiga pescá-las de novo. São manhosas as palavras, e rebeldes, e fugidias. Não gostam de ser domesticadas. Domar uma palavra (transformá-la em clichê) é acabar com ela. (Montero, 2004)

(...) A literatura é um caminho de conhecimento que precisamos percorrer carregados de perguntas, não de respostas. (...) escrever é uma maneira de pensar; e deve ser o pensamento mais limpo, mais livre e rigoroso possível. (Monteiro, 2004)

Acredito que hoje seja necessário dizer: sejamos irmãos porque estamos perdidos num planeta suburbano, de um sol suburbano, de uma galáxia periférica, de um mundo desprovido de centro. Mesmo assim, possuímos plantas, pássaros, flores, assim como a diversidade de vida, as possibilidades do espírito humano. Doravante aqui residirão nosso único fundamento e nosso único recurso possíveis. (Morin, 1998b)

Este trabalho situa-se no âmbito das pesquisas narrativas, focalizando as experiências dos sujeitos, na interface com o estudo dos contextos mais amplos em que transcorrem. Buscou-se compreender as marcas significativas do pensamento educacional/pedagógico da educadora maranhense Célia Linhares, cuja trajetória profissional teve como lócus principal a Universidade Federal Fluminense no período que vai de 1970 a 2000. A tese estuda a sua produção escrita com vistas a: apreender as idéias força, a forma como elas foram se construindo e se constituindo ao longo do tempo, a presença das questões que circulavam nos diferentes tempos históricos vividos por ela e a potencialidade de seu estilo de escrita. A escolha da obra/vida desta professora, se deu em virtude da significativa contribuição à educação brasileira, sobretudo no campo das políticas públicas para formação de professores, tema ligado ao campo de confluência Políticas Públicas, Movimentos Instituintes e Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Outro

critério importante para este estudo foi a expressiva obra da referida professora, que nos permitiu articular seus textos, à sua história profissional e à sua prática pedagógica. Os estudos da complexidade, que têm como patrono Edgar Morin, permeiam o método, as análises e as reflexões tecidas ao longo dessa tese. Entrevistas foram realizadas com a professora Célia Linhares e com pessoas com as quais trabalhou e conviveu em diferentes épocas de sua vida.

Além disto, foi feito o estudo do pensamento pedagógico brasileiro desde a década de 60 e das relações entre a educação, o contexto mais amplo brasileiro e a inserção política e pedagógica da professora Célia Linhares, buscando evocar as interdependências entre educação, política, economia e demais aspectos do nosso contexto sócio-político e cultural. Este trabalho nos leva a concluir que a obra dessa educadora ressalta a necessidade de agirmos contra a barbárie, convocando a educação a constituir-se como promotora da solidariedade, do sentimento de pertença no exercício da escuta e do diálogo, no acolhimento e no estabelecimento de relações pautadas pelo amor e pelo afeto. Os *princípios da emancipação pela autonomia dos sujeitos, da dignidade e da cidadania como aprendizagem escolar* são nucleares no ideário pedagógico da professora Célia Linhares *Mestra do Amor*, que se deixa contaminar pela verdade do outro, não impondo a sua própria.

Mergulhar na obra/vida de Célia Linhares foi uma aventura intelectual das mais instigantes. Convidou-me, como mencionei na introdução, a me aproximar de um outro tempo, o que vivi intensamente, embebendo-me da arte, da cultura, do movimento social e político expressos nas pesquisas e estudos que fiz e nos depoimentos de meus entrevistados. Confirmo as palavras de Bosi (2004), de fato “*a memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde se insere*” (p. 69). Com a ressalva de que, diferentemente de Bosi que trabalhou apenas com velhos nas duas obras¹ com que travei contato, escutei pessoas de variadas idades. O ponto de semelhança é que, independente do fator idade, escutar experiências diferentes da nossa própria, que nos reportam a outros tempos, outras realidades, formas singulares de ver o mundo a partir de outras perspectivas, constitui-se em uma vivência de alargamento de horizonte, sem dúvida. Para quem pesquisa e para o campo das ciências humanas.

¹ “Tempo da Memória”(2003) e “Memórias de velhos” (2004).

Ainda com Bosi, reafirmo que uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (2004, p. 60). Talvez o principal mérito dessa obra seja: dar visibilidade a uma trajetória, que se cruza com tantas outras, que revela tempos, movimentos, história. A história de uma vida, de um país e no caso de nosso interesse específico, da própria educação – seus movimentos, embates, idéias e caminhos. Uma trajetória que vale a pena ser contada e conhecida, guardada, no sentido que Antonio Cícero nos indica:

Guardar
 Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 Em cofre não se guarda coisa alguma.
 Em cofre perde-se a coisa à vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la,
 isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília
 por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordando
 por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
 Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
 Do que pássaros sem vôos.
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
 por isso se declara e declama um poema:
 Para guardá-lo:
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
 Guarde o que quer que guarda um poema:
 Por isso o lance do poema:
 Por guardar-se o que quer guardar.
 (Antônio Cícero)

O título desse trabalho carrega aspectos, princípios, que reconhecemos como o coração da obra de Célia Linhares: palavra, ética, memória, poética, compaixão, humanidade, conciliação dos contrários. Idéias força, recorrentes em seus textos escritos, em sua narrativa oral e nos depoimentos de seus pares. Princípios que orientam seu pensamento pedagógico e sua prática, como pesquisadora e docente.

A *palavra* em Célia, para retomar uma de suas metáforas em “A escola Balaia”, é *oxigênio* que circula por entre as brechas do trançado do *balaio* (Célia Linhares, 1999). Palavra que permite a que os sujeitos se reconheçam uns aos outros, que se constituam como sujeitos que se dizem, cuja autonomia se constrói no próprio ato de narrar-se, forjando o reconhecimento de si mesmo como sujeito, cidadão, a quem a voz não pode ser silenciada. Na escola, a palavra é o oxigênio, que precisa ser compartilhada e circular entre todos, fazendo-se compreendida.

Nessa perspectiva, a promoção do diálogo nos espaços educacionais é o que favorece a que estes sejam espaços de pertencimento – incluindo a Educação Infantil, a Escola Básica, a Universidade e demais segmentos de ensino. Ao reconhecer nestes locais a possibilidade do diálogo vivo, da escuta da própria vida e história, se reforça a confiança no outro de sua importância como sujeito, se fortalece a autoconfiança. O estímulo ao pronunciar-se possibilita aos sujeitos, apropriem-se do conhecimento e de si mesmos. A força da palavra na obra de Célia é contundente, a ela reputa a possibilidade de autoconstrução e afirmação da identidade, resgate da própria história, afirmação de si como sujeito de direitos, de valor.

No tocante ao ser professor, vê a palavra como uma ferramenta crucial capaz de instigar à reflexão. Apropriar-se da palavra é fundamental para a construção da autonomia. A autonomia é outro conceito de relevo para Célia Linhares. Autonomia que se evidencia na capacidade humana de criar, de gerir nosso próprio cotidiano, de reconhecer caminhos singulares na tessitura de nosso trajeto e fazer escolhas. Apropriar-se da palavra compreende, portanto, afirmar a própria capacidade de pensar e agir com autonomia, negando-se a:

“Aceitar uma posição de “formiga” que trabalha sem indagar os porquês, que agüenta em silêncio sua condição de pouca visibilidade e nenhuma importância social ou treina-se para entrar no rol dos sobrantes da sociedade, uma vez que o desemprego, as excludências, as concentrações de bens tendem a permanecer”. (Célia Linhares, 1997, p.34)

O que está em pauta, quando Célia Linhares aborda a questão da autonomia e da palavra, é a não massificação dos sujeitos, negando a que a escola forme “*seres domesticados e submissos, homogeneizados na produção das lições de vida*”(Célia Linhares, 1999, p.77-78). Aposta, portanto numa educação que não perca de vista “*a autonomia, o fortalecimento dos sujeitos, como seres capazes de recriar o mundo, com solidariedade*”(op.cit. 1999, p. 78).

A professora não apenas compreende a palavra como um eixo orientador da profissão docente, como ela mesma, assume sua própria palavra como uma ferramenta, uma forma pessoal e singular de pronunciar-se. A palavra de Célia tem força de alcance, de *afetar* o outro, entendendo aqui afetar como a capacidade de mobilizar os afetos e de por eles ser mobilizado, de tocar o outro e por ele ser tocado. Podemos reconhecer tal força de sua palavra não apenas por meio da leitura de seus textos, mas pela forma

mesma como ela constrói seu discurso em aulas e palestras. Sua fala no simples cotidiano, fora das salas de aula e auditórios, é também prenhe de força e poesia, uma palavra que, ao ser aberta, convida o outro a se inscrever e que revela seu incessante processo de auto-análise-ética das experiências vividas e de seu entorno.

Tomo, aqui, a idéia moriniana de auto-análise. Morin afirma que a auto-análise é um exercício permanente de auto-observação, que suscita a uma nova consciência de si que nos permite nos descentrar com relação a nós mesmos, reconhecendo nossos egocentrismos, carências, lacunas, fraquezas. É também via auto-análise que integramos o olhar do outro em nosso esforço de autocompreensão. Um trabalho permanente de pensar a si e ao mundo (Morin, 2007, p. 93-94). Nas entrevistas que realizei com Célia ela revelava um olhar atento para a atualidade e seus dilemas, sem proferir análises maniqueístas ou simplistas. Sua leitura trazia com frequência a presença dos contrários: ao lado do medo a esperança; ao lado da coragem de enfrentar, o sentimento de fragilidade; ao lado da visão crítica de uma educação em crise, o reconhecimento do valor das experiências instituintes e de seus movimentos que revelam brechas e caminhos possíveis. Isso atestam os depoentes dessa tese e eu mesma, a pesquisadora, no contato estreito que travamos ao longo desses anos de meu doutoramento. Questão que me saltou aos olhos de imediato.

Retomando a idéia da palavra poética de Célia Linhares, vejamos em sua própria fala o sentido de abertura que ela encarna:

A forma poética sempre transfere para o outro a última palavra, a palavra fica suspensa, você instiga, você oferece, mas não tem o fechamento do dogma, do pensamento único. (...) Eu sinto que o que eu falo ressoa. Eu não tenho nenhum poder formal, mas tenho um poder que é a minha vida. (Célia Linhares entrevista com a pesquisadora, fevereiro, 2006).

Palavra poética, militante, polifônica. É a própria Célia que, respondendo a minha curiosidade sobre o tema, traduz essa palavra poética que é forma, método, porque atinge o outro, alcançando o interlocutor e mobilizando reflexões. Palavra de mestre, que provoca, aguça, fermenta o desejo de saber mais em seus *discípulos*. Vale lembrar que tomo aqui a palavra discípulos no sentido que Rancière (2005) confere ao termo: não aquele que segue cegamente a um mestre arrogante, mas sim aquele que o toma – ao “mestre ignorante” - como modelo provisório, cujo necessário

desprendimento faz parte do desenvolvimento da própria mestria do discípulo. Célia, apostando na criação e na necessidade de se comunicar do homem, compreende o próprio discurso como algo que não se pretende completo e totalizante. O discurso é uma instigação a que outros pensamentos e expressões se produzam.

(...) Estou absolutamente convencida de que a arte é essencial, que a pedagogia precisa ser mais poética, não como uma fuga, porque a poesia não é uma fuga, mas como um método. Falar, dizer e deixar entreaberto para que se prossiga. O desejo primordial do ser humano é se comunicar. (Célia Linhares entrevista com a pesquisadora, fevereiro, 2006).

Em sua concepção, a palavra do mestre é aquela que provoca no outro o desejo de se inserir no diálogo, o que nos reporta mais uma vez a lição do mestre ignorante de Rancière, “*O mestre interroga, provoca uma palavra, isto é, a manifestação de uma inteligência que se ignorava a si própria, ou se descuidava.*”(2005, p.51). Em Célia Linhares, a instigação é uma metodologia, sua palavra é aberta, busca indagar. Em seus textos, muito freqüentemente, os temas são introduzidas por meio de perguntas, que também acompanham o desenho do texto, num franco movimento de convidar o leitor a se incluir na discussão. Palavra provocativa, que tange muitos sentidos possíveis. Palavra que não vive sem o outro.

Eu gosto muito de pensar o pensamento apaixonado, sempre irreverente, sempre dizendo a tua palavra (...). Palavras não são a cereja do bolo, como as flores de um banquete, como as flores de uma mesa de conferências, “lindas palavras, palavras poéticas para abrir e fechar o discurso”, a poesia no meu entendimento não é uma palavra de abertura e fechamento de discurso é uma metodologia pedagógica, investigativa. Ao narrar eu trago minha experiência articulada com a experiência do mundo, da vida, dos livros, das teorias, mas eu não dou o ponto final, a narração como ela está impregnada, grávida da experiência eu convido meus interlocutores a darem a sua palavra, a sua contribuição, uma palavra pede sempre uma outra palavra. Uma palavra puxa a outra. As narrações pedagógicas são tão mais férteis na medida em que elas convidam para que o outro conte o seu outro conto. (Célia Linhares entrevista com a pesquisadora, março, 2006).

Célia se contrapõe à idéia que pode ser associada a sua fala poética a um “falar bonito” pura e simplesmente. Sua fala, reconheço, é entrelaçada com suas teorizações, com os valores que cunhou ao longo de sua trajetória.

“Muita gente diz, ‘você é uma poeta, fala bonito’, eu odeio isso, eu não sou uma poeta desconhecendo meu tempo, as teorias de meu tempo, pelo contrário, eu tenho um diálogo intenso com tudo isso, o desafio da experiência é ela se passar para um tipo de abstracionismo idealizado. (...) Tomo a poesia como método de trabalho, em que as palavras ficam suspensas, eu não dou a última palavra, e mesmo que eu não conte a minha vida, minha vida está presente na maneira de eu respeitar o outro, de compreender o significado da liberdade.” Célia Linhares entrevista com a pesquisadora, março, 2006).

Quando Célia se reporta a sua infância, ela reconhece que a palavra era para ela uma forma de encontrar um lugar em meio a numerosa família, buscando atenção de seus pais. Primeiro com o pai, tão querido, cuja presença e proximidade eram sempre desejadas. Fazer poemas e versinhos, escutar a prosa das visitas e, em havendo uma oportunidade, adentrar nas conversas, ouvir as histórias de todos os que passavam pela sua vida, eram seus prazeres. Menina de palavras, mulher de palavra. Com a perda de seu pai, a mãe surgia como esperança de vida, com sua palavra que clamava a sobrevivência, que buscava, tenazmente, construir com seus filhos o enfrentamento da perda. *Pai-poesia, Mãe-prosa*, referências complementares na vida de Célia que, se é uma pensadora capaz de sonhar poeticamente, enraíza seus sonhos no chão da escola e do mundo, prosaicamente. É Morin quem nos fala da complementaridade entre prosa e poesia:

(...) Então, podemos compreender a complexidade humana através da literatura, enquanto que a poesia nos ensina a qualidade poética da vida, essa qualidade que nós sentimos diante de fatos da realidade. Como, por exemplo, os espetáculos da natureza: o céu de Brasília que é tão bonito. É essa poesia que nos dá força e nos ensina a qualidade poética da vida, porque ela não é somente uma prosa que se deve fazer por obrigação. A vida é viver poeticamente na paixão, no entusiasmo. Para que isso aconteça devemos fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de *homo sapiens*; o homem racional e fazedor de ferramentas, que é, ao mesmo tempo, louco e está entre o delírio e o equilíbrio no mundo da

paixão em que o amor é o cúmulo da loucura e da sabedoria. O homem não se define somente pelo trabalho, mas pelo jogo. Não só as crianças gostam de jogar, os adultos também gostam e por isso vemos partidas de futebol. Nós somos *homo ludens* pois não existe apenas o *homo economicus* que só vive em função do interesse econômico. Há, também o *homo mitologicus*, isto é, vivemos em função de mitos e crenças. Enfim, há o homem prosaico e poético, como dizia Hölderling: “O homem habita poeticamente na terra, mas também prosaicamente e se a prosa não existisse, não poderíamos desfrutar da poesia”. (Morin, 2000)

Os acontecimentos de sua vida adulta, sua trajetória, escolha profissional foi firmando as palavras como um continente de descobertas, de encontros com o outro, artesã de palavras que era. Em meio às suas experiências, a perda de seu irmão Rui, levaram-na a usar da ferramenta que tanto a nutria em sua vida, a criar vida a partir da perda e da morte, fazendo do dizer uma forma permanente de manter *as chamas da memória sempre acesas* (1993, p.50).

(...) É preciso atentar para as ruínas, escondidas sob os monumentos que o projeto capitalista foi produzindo, de forma a arrancar, das e nas catástrofes, a reversão do sentido histórico por meio do “despertar dos mortos”, com os seus sonhos de solidariedade e emancipação soterrados pela corrida do progresso; e recompor essas imagens do passado, integrando-as, conscientemente, no processo de construção de uma nova história, nova autopercepção, nova modalidade de vida. (Célia Linhares, 1993, p. 50)

Célia é uma “*catadora de palavras*”. Faço aqui uma alusão ao livro “O catador de pensamentos²”. Trata-se da história do senhor Rabuja, que percorre as ruas a procura de pensamentos, para depois plantá-los e vê-los sair voando, colorindo o céu. Assim, os pensamentos se renovam e nunca deixam de existir. Assim como o Sr. Rabuja, Célia vive uma constante sementeira, impedindo que os silêncios deixem as histórias desconhecidas.

O papel que a *memória* ocupa em sua obra, também bastante nuclear, está ligado a essa palavra que semeia e impede o esquecimento, mantêm cinzas quentes, chamas acesas, que faz circular a experiência e convida à partilha. É via narração que mantemos essa memória atualizada, defende Célia. Uma memória que não é retomada para ser

² De Antonio Boratynski e Monika Feth (ed. Brinque-Book, 2000).

guardada, mas para promover movimento, alimentando esperanças, relativizando as interdições atuais e permitindo que possamos aprender com o conhecimento do passado, com vistas a construir um futuro e um presente. Uma memória que nos humaniza, pois faz com que reconheçamos as identidades que mantemos com diversas lutas e trajetórias, fortalecendo as nossas próprias lutas, as nossas próprias trajetórias. Célia a este respeito (re) afirma:

“Por isso penso uma educação como uma ponte por onde trafegam as cargas do passado – com seus tesouros e entulhos – que vão sendo reapropriados pelos trabalhos do presente, movidos por necessidades, sonhos e esperanças, para reencaminhá-los ao futuro. É graças a este trabalho de afirmação dos desejos que a história caminha, com suas contradições. (1999, página 33).

Nessa perspectiva, Célia assume uma visão de história não linear, em contrapelo à oficial. Inquieta-se com o desconhecimento dos saberes daqueles que ficaram a margem, dos “vencidos”, o enorme contingente de negros, indígenas, imigrantes, desaparecidos, Joãos e Marias que constituíram nossa história, que investiram força de vida, com seus saberes, sua cultura, no trabalho na terra, na política, no país. Ela compreende que é uma das tarefas da escola dar voz a essa massa à sombra, conhecendo e *re*-conhecendo suas lutas, sua cultura, seus fazeres e saberes. Para tanto, analisa em várias de suas obras a história da própria educação e da hierarquização secular que a forjou, ampliando a reflexão não só para a nossa própria história brasileira, mas para a do mundo, cujo movimento tem, desde o século das “luzes”, apagado tudo o que não é a “luz da razão”. Critica tal dimensão que coloca em lados opostos da balança, os saberes valorizados da racionalidade (e todos seus ditames) e os saberes da vida, da intuição, do afetual. Célia, contrapondo-se a essa visão dicotomizante, lança um olhar complexo, que reconhece o homem em suas múltiplas dimensões.

O afeto – afetar, ser afetado – é um elemento também fundamental em sua obra-vida. Afeto que promove identificações, forjando, portanto, identidades. Afeto que implica o reconhecimento do outro e da necessidade de importar-se com ele, solidarizando-se com sua dor e sua alegria. Com paixão, que coloca Célia ao lado dos homens, todos os homens, como uma cúmplice em suas lutas e seus sofrimentos.

Tal perspectiva está ligada a própria ética que baliza a vida de Célia Linhares, e que se desdobra em sua forma de compreender a política e a educação. Como Morin

(2007) compreendemos a ética como a resistência à crueldade do mundo e à barbárie humana. Tal resistência à barbárie humana, no sentido complexo da ética moriniana, reconhece que a barbárie está dentro do homem. Sem dividir em pólos distintos, bem e mal, Morin afirma que a crueldade é algo que tem feito parte de nossa história, expressa nos tantos atos de violência, tais como os extermínios dos índios na América, a criação da escravidão, a utilização de técnicas modernas como meio de aumentar desmesuradamente seus estragos, as guerras étnicas e as guerras de religião. Resistir a esse lado humano, ligado à barbárie e a crueldade, é o desafio da resistência ética. A ética para Morin, é, portanto, a resistência à barbárie que está em nós, remetendo-nos a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia (2007, p. 200). É no exercício ético que podemos encontrar esperanças e novas possibilidades de convivência fraterna e solidária:

Podemos resistir à crueldade do mundo e à crueldade humana pela solidariedade, pelo amor, pela religião e por comiseração pelas infelizes vítimas. O combate essencial da ética é a dupla resistência à crueldade do mundo e à crueldade humana. “É impossível que o mal desapareça”, dizia Sócrates em Teteto. Sim, mas é preciso tentar impedir o seu triunfo. (Morin, 2007, p.193)

Tal concepção moriniana de ética converge com a ética de Célia Linhares. Toda a sua obra ressalta a necessidade de agirmos contra a barbárie, convocando a educação a constituir-se como uma promotora da solidariedade, do sentimento de pertença nos estudantes, no exercício da escuta e do diálogo, no acolhimento e no estabelecimento de relações pautadas pelo amor e pelo afeto.

Sua visão de ética, deságua no sentido de esperança que defende em suas obras. Para Célia Linhares, ter esperança e, conseqüentemente, constituir um pensamento utópico exige engajamento, conhecimento, luta. “*As decisões éticas não podem, em muitos casos, prescindir de conhecimentos*”, afirma a autora. (Célia Linhares, 1997, p.17). Para ela, a utopia não é o sonho trivial, descolado de uma realidade, mas justo o contrário, é o sonho que reconhece que a realidade tem muitas dimensões, e que historicamente, foram os movimentos inesperados e considerados impossíveis, que construíram o possível. Para reconhecer na aparente fixidez da realidade que está dada, as brechas para o surgimento de novos possíveis, é necessário conhecer criticamente o tempo em que vivemos, desvendando as aparências e as idéias absolutas e mantendo

vigilância permanente. Nesse aspecto, reconhecemos em várias obras de Célia sua crítica veemente à idéia difundida de que o capitalismo, por exemplo, e todo o modo de funcionamento social e político que se sintoniza com ele, é algo que “não tem jeito”, viveríamos “o fim da história”. Célia realça em muitos textos a necessidade de desvelarmos esses discursos cegos, afirmando que só é possível pensar uma nova possibilidade se compreendemos que o movimento da história é permanente, nutrindo-nos dos exemplos do passado, nas mudanças que ensejaram e no sentido que possuem de resistência às imposições.

Nessa perspectiva, Célia Linhares convida a tomarmos os “bons espelhos” dos movimentos e lutas que se insurgiram contra as aparentes “realidades imutáveis”, como emblemas da capacidade concreta de mudança que podemos perpetrar. Nesse sentido, ética, esperança e utopia são dimensões interdependentes na obra de Célia Linhares. Morin (2007) ajuda a alargar a compreensão dessa idéia de utopia como crítica às aparências de uma realidade contra a qual não se poderia lutar, crítica que também Célia faz. O autor afirma que a ética complexa é de esperança ligada à desesperança, conservando a esperança quando tudo parece perdido. Ela não é prisioneira do realismo que ignora o trabalho subterrâneo, *minando o subsolo do presente, a fragilidade do imediato, a incerteza encoberta pela realidade aparente, rejeita o realismo trivial que se adapta ao imediato, assim como o utopismo trivial que ignora os limites da realidade* (2007, p. 198). Para Morin, a ética complexa sabe que há um invisível no real. A esperança apega-se ao inesperado, ela não é certeza, dizer que se tem esperança é afirmar que existem muitas razões para desesperar. A esperança do possível é gerada sobre o impossível. (Morin, 2007, 198)

Assim, penso, ser a ética de Célia Linhares que aposta no possível, ancorada no conhecimento da realidade do mundo e do país, fruto de estudo e de visão crítica. Ética que reconhece os movimentos que emergem na contramão das hegemonias (os movimentos instituintes) e os valoriza, dando visibilidade a eles nos espaços de pesquisa e na universidade; que se orienta por uma esperança permanente, que se forjou no reconhecimento e no conhecimento, na própria carne, da potência destrutiva do homem, na injustiça, na crueldade. Sua esperança não é ingênua, otimista, pueril. Ela é uma luta contra a morte, ela é a afirmação da vida e do amor diante da força bruta e da capacidade que temos, todos nós, de nos hostilizar, de fazer guerras. É uma ética-esperança que sonha outros mundos, que investe na força do encontro, da solidariedade, da arte, da possibilidade e de tudo que surge daí.

É sua ética-esperança-utopia, que permite a que ela compreenda a possibilidade de *viver mais humanamente* (Morin, 2007), assumindo as três dimensões da identidade humana: a identidade individual, a identidade social e a identidade antropológica, dimensões que nos permitem nos reconhecer nos laços da coletividade. Viver humanamente, é também viver poeticamente a vida, numa fé ética que inclui razão e emoção, incertezas, inquietudes, como nos diz Morin:

Viver poeticamente (...) acontece a partir de um certo patamar de participação, na excitação, no prazer, estado que pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação estética. É vivido com alegria, embriaguez, comemoração, gozo, volúpia, delícia, encantamento, fervor, fascinação, beatitude, deslumbramento, adoração, comunhão, entusiasmo, exaltação, êxtase. Produz satisfação carnal e espiritual. Leva-nos a alcançar o sagrado, um sentimento que aparece no apogeu da ética e do poético. O máximo da poesia, o máximo na união da sabedoria com a loucura, como o máximo da religião, é o amor. A fé ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor. Amor/racionalidade estão ligados um ao outro, é o amor que nos ensina a resistir à crueldade do mundo, que nos dá coragem, permite que vivamos na incerteza e na inquietude. É resposta para a morte, remédio para angústia. (Morin, 2007, p.202)

O **S**onho da Escola de Célia Linhares

Para despedir-nos, vale relembrar o sonho de escola de Célia Linhares: A escola Balaia. Nele encarnam-se todas as dimensões que abordamos até aqui. É uma escola de esperança, de compromisso ético, de invenção do possível (utopia), do afeto e do conhecimento. Retomemos, portanto, aspectos nucleares dos princípios da Escola Balaia:

Princípio da emancipação pela autonomia dos sujeitos, que busca o fortalecimento dos sujeitos, reconhecendo a necessidade de que a autonomia escolar se alimente da cultura popular e da teórico-tecnológica, aproximando conhecimento da vida e, ao mesmo tempo, dando acesso à classe popular aos conhecimentos socialmente organizados. Autonomia que se estende para a escola – que precisa ser participativa e vida, e para o indivíduo, que implica em participação e fortalecimento dos vínculos da coletividade.

Princípio do atendimento da dignidade escolar, em que Célia chama atenção para as violências em suas múltiplas formas que vão sendo fortalecidas no cotidiano social, repudiando-as e conclamando para uma educação mais sensível, que contribua para um estilo de produção mais humana.

Princípio da cidadania como aprendizagem escolar, em que afirma a importância de reconhecer a educação como espaço de direito e de formação do cidadão. Entende por cidadão aquele que se apropria de sua história, do valor de sua terra, que tem seus direitos vitais garantidos – educação, saúde, moradia, respeito. Concebe o conhecimento, o “saber com sabor” é um direito do cidadão e uma necessidade na construção de indivíduos capazes de intervir na sociedade de forma potente, plenos de seus saberes. Acredita também nas relações entre escola e comunidade, como vias de fortalecimento de ambas as instâncias.

Fechar esse trabalho, fruto de minha tese de doutoramento, não foi tarefa das mais fáceis. Quase como se despedir de um amigo querido que vai se ausentar. Foram anos convivendo com essas idéias, articulando-as com a minha própria vida e as experiências que, paralelamente, vivi. Tudo me parecia relevante e construir um texto em que era necessário fazer escolhas foi um desafio. Desafio instigante pois me permitiu compreender que ainda que Célia tenha uma fértil capacidade de criar e um pensamento inquieto que discorre e discorreu sobre tantos assuntos, nos muitos textos que li, o coração de sua obra ficou claro para mim. Tudo o mais, todas as outras reflexões, idéias, discussões, me parecem nascer dessa mesma fonte: amor, esperança, ética.

Uma Grande Mestre, que lança palavras a seus discípulos e pesca as que eles proferem, que aposta na autonomia e na potência do outro, reconhecendo seus saberes e suas diferenças. Uma Mestre que vive permanentemente a própria luta e esforço para cunhar esperanças, para pensar com sabedoria. Uma sabedoria, que como nos diz Morin, implica na *auto-ética, evitando a baixeza, evitando ceder às pulsões vingativas e maldosas* (2007, p. 202). Para isso, ele nos diz, é preciso muita autocrítica e auto-exame. “*A auto-ética é antes de tudo uma ética da compreensão. Devemos compreender que os seres humanos são seres instáveis, nos quais há possibilidades do melhor e do pior*”. (Morin, 1998b, p. 61). Mestre do amor, que se deixa contaminar pela verdade do outro, não impondo a sua própria, encontrando a sua própria através da alteridade.

Que essa tese possa constituir-se em, pegando emprestado mais uma vez expressão tão cara à Célia Linhares, “um bom espelho”, no qual possamos, por meio do

conhecimento e compreensão da trajetória de uma Mestra em seus tempos, repensarmos a nossa própria trajetória, os nossos próprios tempos e concepções sobre educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. Paris: PUF, 1959.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória, ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BUENO, CATANI E SOUSA (orgs.). *A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Atena, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix-Pensamento, 2005.
- CATANI, Denice Barbara (et all). *História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação in* CATANI, Denice Bárbara et all (orgs) *Docência, memória e gênero – estudos sobre formação*. São Paulo: ESCRITURAS, 2003.
- CALLIGARIS, Contardo. *Vidas bem vividas*. Artigo da Folha de São Paulo, 31 de maio de 2007.
- CHEVALIER, J. & Gheerbrant, A. *Dicionário de Símbolos- mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papyrus, 1989.
- CUNHA, Maria Isabel da. *Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. Revista Faculdade de Educação vol. 23 n° 1-2. São Paulo: Jan/ dezembro de 1997. GERALDI, Corinta Maria Grisolla; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete de A. (ORGAS.): *Cartografias do trabalho docente: professor pesquisador* São Paulo: Mercado das letras, 1998.
- GUEDES, Adrienne Ogêda e BARREIROS, Tereza Cristina. *Cartas sobre leitura e escrita na pré-escola ou a formação de narradores: uma paixão nas entrelinhas*. In Kramer, Sonia et all (orgs.) *Infância e educação Infantil* (Campinas, SP: Papyrus, 1999).
- GUEDES, Adrienne Ogêda. *O professor – reflexivo: definindo o papel do educador na atualidade*. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de pós-graduação em formação de docentes universitários. Unirio/RJ/2000.
- GUEDES, Adrienne Ogêda. “Edgar Morin: pela reforma do ensino e do pensamento” *Cadernos de ensaios e pesquisa da UFF- Niterói/RJ/ 2001*.

GUEDES, Adrienne Ogêda. "Cultura e ideário pedagógico do curso de pedagogia UFF/Niterói". Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Federal Fluminense. Niterói, UFF, 2002.

GUEDES, Adrienne O. e HOFFMANH, Adriana. Revista. "Formação de professores leitores em um projeto de extensão universitária no curso de Pedagogia: um relato de experiência. *Educere et Educare* vol. 2 N. 3 jan./jun. 2007.

GUEDES, Adrienne O. Memoriais nos processos de formação. Texto de Apoio do ProInfantil. MEC, 2007 (no prelo).

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. RJ: Nova Fronteira, 1964.

LINHARES, Célia. O poder das expectativas e o self. In Revista da Faculdade de Educação. Vol. 3, julho de 1972. Niterói: EdUFF, 1972.

LINHARES, Célia. La Identidad Cultural y el proceso de Educacion em La América Latina. Tesis de doctorado. Univeridad Nacional de Buenos Aires, Facultad de Filosofia y Letras, 1983.

LINHARES, Célia Soares Frazão. *A educação e suas relações com as Identidades Culturais na América Latina*. In: Revista da Faculdade de Educação – UFF, Ano 10, Niterói, 1983.

LINHARES, Célia Frazão. *A Interdisciplinaridade na Psicopedagogia*. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – EDUFF. Volume 13, número 1, Janeiro/Junho 1986, Niterói.

LINHARES, Célia. A escola e seus profissionais: tradições e contradições. Rio de Janeiro: Agir, 1997(impressão) – a apresentação data 1986, o final do livro 1988.

LINHARES, Célia e Leite Garcia, Regina (orgs.) Dilemas de um final de século: o que pensam os intelectuais. São Paulo: Cortez, 1996.

LINHARES, Célia. *O Pensamento Pedagógico crítico no Brasil: A presença de Paulo Freire*. Cadernos do CES 1 da Universidade Federal Fluminense (Centro de Estudos Sociais). Niterói, EDUFF, 1997.

LINHARES, Célia. A escola e seus profissionais: tradições e contradições. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

LINHARES, Célia. A escola e seus profissionais: tradições e contradições. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

LINHARES, Célia. Terremotos na pedagogia: perspectivas da formação de professores. In Carneiro da Silva, Waldeck. Formação dos profissionais da educação: o novo contexto legal e os labirintos do real. Niterói: EdUFF, 1998.

LINHARES, Célia. Escola Balaia, um convite ao debate para a reinvenção de Caxias. Caxias/Maranhão: Caburé editora, 1999.

LINHARES, Célia. Narrações compartilhadas na formação dos profissionais da educação in Mont'Alverne Chaves e Carneiro da Silva (orgs.) Formação de professor: narrando, refletindo, intervindo. Rio de Janeiro: Quartet: Niterói: Intertexto, 1999.

LINHARES, Célia (org.). Políticas do conhecimento: velhos contos, novas contas. Niterói: Intertexto, 1999.

- LINHARES, Célia. Los lugares de cambio de los sujetos pedagógicos. In: Kikiriki, nº 51, diciembre, 1998 / enero – febrero 1999, p. 27-31.
- LINHARES, Célia e Nunes, Clarice. Trajetórias de Magistério: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- LINHARES, Célia. Pesquisas Educacionais podem romper com Profecias de Nascimento? Memórias e Projetos do Magistério no Brasil. In LINHARES, Célia;
- LINHARES, Célia (org.) Palavras de Mestres, muito além de Caleidoscópios para professores e professoras. Rio de Janeiro: Dougraf, 2003.
- LINHARES, Célia. Memórias e narrações como leitura e releitura do mundo em Paulo Freire. In Linhares, Célia e Trindade, Nazaret (orgs.). in Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire: 2003.
- LINHARES, Célia. As coisas findas, elas ficarão? Rio de Janeiro, mimeo, 2007.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Da sagrada missão pedagógica. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- MONT'ALVEGNE CHAVES. Paradigma e complexidade: questões relevantes para a Educação. Palestra proferida durante a abertura do I ERDIPE- Encontro Regional de Didática e Prática de Ensino, realizado na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, Sobral- Ce, em abril de 1999.
- MONT'ALVERNE CHAVES, I. & SILVA, W. (orgs). Formação de professor: narrando, refletindo, intervindo. Rio de Janeiro, Quartet/ Intertexto, 1999.
- MONT'ALVERNE CHAVES, Iduina Vestida de Azul e Branco como manda a tradição: Cultura e Ritualização na escola. Rio de Janeiro, Editoras Intertexto e Quartet, 2000.
- MONT'ALVERNE CHAVES, Iduina. A pesquisa Narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores. In: Imagens da Cultura: um outro olhar. São Paulo, CICE/FEUSP,1999.
- MONT'ALVERNE CHAVES, Iduina. Paradigma e complexidade: questões relevantes para a Educação. In: Formação de Professores: a busca(re)encantamento pela educação. Mimeo, 1998.
- MONTERO, Rosa. A louca da casa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MORIN, E. O enigma do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MORIN, E. Ciência com Consciência. Trad. De Maria Gabriela B Bragança. Portugal, Publicações Europa-América, Ltda. , 1982.
- MORIN, E. O Método 4 – as idéias. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998a.
- MORIN, E. Amor, poesia e sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.
- MORIN, E. A inteligência da complexidade. São Paulo: Edição Peirópolis, 1999.
- NÓVOA, António (organização). Vida de professores. Portugal, Porto Editora, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante, cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TEIXEIRA, M.Cecília S. Antropologia, cotidiano e educação. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

TEIXEIRA, M. Cecília S. Discurso pedagógico, mito e ideologia: o imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: QUARTET, 2000.